

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VANESSA RIOS DE LIMA

ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN: UM RETRATO DA SITUAÇÃO  
DAS MULHERES NA INGLATERRA DO SÉCULO XIX.

JARDIM - MS

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VANESSA RIOS DE LIMA

ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN: UM RETRATO DA SITUAÇÃO  
DAS MULHERES NA INGLATERRA DO SÉCULO XIX.

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao curso de Letras  
habilitação Português/Inglês da  
Universidade Estadual de Mato Grosso  
do Sul, como requisito parcial para  
obtenção do grau de licenciada em  
Letras.

Orientador: Prof. Dr. Neurivaldo  
Campos Pedroso Junior.

JARDIM - MS

2018

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VANESSA RIOS DE LIMA

ORGULHO E PRECONCEITO, DE JANE AUSTEN: UM RETRATO DA SITUAÇÃO  
DAS MULHERES NA INGLATERRA DO SÉCULO XIX.

APROVADO EM: \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

---

Prof. Dr. Neurivaldo Campos Pedroso Junior- UEMS

Orientador

---

Profa. Me. Roseli Peixoto Grubert – UEMS

---

Prof. Dr. Adélia Maria Evangelista Azevedo – UEMS

LIMA, Vanessa Rios.

**Orgulho e Preconceito, de Jane Austen: um retrato da situação das mulheres na Inglaterra do século XIX.** Vanessa Rios de Lima. Jardim: UEMS, 2018.

Bibliografia

Monografia de Graduação – Curso de Letras Habilitação Português/Inglês – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

1. Feminismo 2. Jane Austen 3. Orgulho e Preconceito 4. Identidade Feminina.

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para a publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

---

Vanessa Rios de Lima

Jardim, 16 de Março de 2018.

### Dedicatória

Dedico este Trabalho de Conclusão de Curso às pessoas mais importantes que amo em da minha vida, ao meu filho Gilberto Expedito Rios Zemolin, a minha querida e amada mãe, Neuza Rios de Lima, hoje não mais presente entre nós, que certamente, ela estaria muito orgulhosa por essa conquista e, por fim, aos meus quatro irmãos queridos pelo apoio e incentivo.

## AGRADECIMENTOS

A Deus e Santo Expedito que sempre guiaram na minha formação acadêmica do Curso de Letras.

A minha mãe, Neuza Rios de Lima, e ao meu pai, Antônio José de Lima, que sempre deram-me muito amor, carinho, educação e ensinaram-me a ser honesta.

Ao meu infinito amor, meu filho Gilberto Expedito Rios Zemolin, meu parceiro e grande amigo sem ele nada disso estaria acontecendo.

Ao Sr. Gilberto Ildemar Zemolin; obrigada por você me ajudar na educação do nosso filho.

Aos meus quatro irmãos, Hans Mulher R. de Lima, John Lennon R. de Lima, Alex Sandro Rios e Max Suel R. AJala, guerreiros ao meu lado, e as minhas duas sobrinhas, parentes, amigos e aos meus colegas do Curso de Letras.

À diretora, da Escola Estadual Antônio Pinto Pereira, Anna Zinna F. Boeira da Costa, que sempre me apoiou em meus estudos e toda sua equipe pelo respeito e carinho que sentem por mim.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Jardim-MS, por ter grandes profissionais, no corpo docente do curso de Letras, com compromisso e responsabilidade fizeram-me chegar a esta etapa tão sonhada da minha vida.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma análise da obra *Orgulho e Preconceito*, obra da literatura mundial, publicada no início do século XIX e escrita por Jane Austen, tendo como objetivo central identificar elementos que exemplifiquem a situação da mulher na sociedade inglesa no início do século XIX, buscando responder aos seguintes questionamentos: Quais os elementos presentes na obra de Jane Austen representam o conservadorismo vivenciado pelas mulheres na época em que o romance foi escrito? Quais os elementos que apresentam a identidade feminina na obra de Jane Austen? Assim identificando elementos que trabalhem a temática identidade feminina na obra *Orgulho e Preconceito*. Percebe-se ao fim desta pesquisa e análise, que Jane Austen busca transfigurar nas características de suas personagens elementos reais havendo uma representação de pessoas reais colhidas do cotidiano vivido por Jane Austen, acredita-se veementemente que a autora baseia-se em pessoas reais da sociedade inglesa, atrevendo-se a apontar a possibilidade de Elizabeth Bennet ser uma transfiguração da mulher Jane Austen e dos desejos matrimoniais carregados pela escritora, que de acordo com a sua biografia morreu solteira.

Palavras-chave: Feminismo, Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*, Identidade Feminina.

## ABSTRACT

This work was written to present a brief analysis of the work *Pride and Prejudice*, a work of world literature, published in the early nineteenth century, written by Jane Austen, with the central objective of identifying elements that exemplify the situation of women in early English society of the nineteenth century, seeking to answer the following questions: What elements present in Jane Austen's work represent the conservatism experienced by women at the time the novel was written? What elements present the feminine identity in Jane Austen's *Romance*? Thus identifying elements that work on the feminine identity theme in *Pride and Prejudice*. It is perceived to the end of this research and analysis that Jane Austen seeks to transfigure in the characteristics of its personages real elements having a representation of real people harvested from the daily life lived by Jane Austen, it is believed vehemently that the author is based on real people of the society English, daring to point out the possibility of Lizzy being a transfiguration of the woman Jane Austen, and the marital desires borne by the writer, who according to her biography dies single

Keywords: Feminism, Jane Austen, *Pride and Prejudice*, Feminine Identity.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>1.A MULHER NA SOCIEDADE INGLESA DO SÉCULO XIX.....</b>	<b>12</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>2. BIOGRAFIA E OBRA DE JANE AUSTEN .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>3.OBRA <i>ORGULHO E PRECONCEITO</i> .....</b>	<b>22</b>
<b>4.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>5. BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>34</b>

## INTRODUÇÃO

Este trabalho irá apresentar uma análise da obra *Orgulho e Preconceito*, uma obra da literatura mundial, que é um clássico bicentenário que teve sua primeira publicação em 1813, sendo uma ficção popular romântica, escrita por Jane Austen.

É importante destacar que a análise desta obra justifica-se devido ao fascínio que a mesma exerce ainda mesmo depois de tantos anos de seu lançamento, sendo elemento de desejo principalmente em meio ao público feminino, isto ocorre porque a história se desenrola em torno da personagem Elizabeth Bennet, uma jovem que vivencia problemas relacionados à sociedade machista e conservadora em que vivia, em pleno século XIX.

A personagem principal vivencia durante toda a narrativa a pressão cultural, moral e educacional da aristocracia ruralista parte dominante da época, vivenciando conflitos referente ao conservadorismo vivenciados pelas mulheres desta época.

Portanto durante esta análise busca-se responder aos seguintes questionamentos: Quais elementos presentes na obra de Jane Austen que representam o conservadorismo vivenciado pelas mulheres na época em que o romance foi escrito? Quais os elementos que apresentam a identidade feminina na *Romance de Jane Austen*?

Questionamentos que surgiram durante estudos realizados nas aulas de Literatura Britânica no Curso de Letras da Universidade de Mato Grosso do Sul, unidade de Jardim, que trabalha com estudos das características e análise de obras de autores renomados da literatura.

Tendo por objetivo principal identificar elementos que trabalhem a temática identidade feminina, no século XIX, na obra *Orgulho e Preconceito*, isto porque os conceitos referentes ao gênero ainda fazem parte das construções históricas referente à relação entre homem e mulher e suas relações sociais, tendo concepções diferentes em referência ao papel social desempenhado por ambos.

Tomando a obra *Orgulho e Preconceito* como base de estudo e análise pode-se compreender então como ocorria a relação entre homem e mulher, observando elementos presentes na narrativa demonstrando a visão do autor, neste caso Jane Austen, uma escritora que possuía a apresentação de narrativas que traziam à tona sua alma feminista. Nesta análise o foco será compreender o conservadorismo retratado por Jane Austen no romance em estudo e também identificar elementos que retratem a identidade feminina da Elizabeth Bennet.

Nesta perspectiva, esta pesquisa estrutura-se em três capítulos. No primeiro serão realizadas algumas reflexões sobre a mulher na sociedade inglesa do século XIX. Já no segundo capítulo a pesquisa destaca à algumas características referentes à biografia da escritora Jane Austen e também elementos relacionados à representação da mulher como personagem de suas obras literárias. Por fim no terceiro capítulo, o resumo do livro em análise e os estudos referente à identificação dos objetivos apresentados por esta pesquisa.

Este trabalho, portanto, será feito com base em estudos bibliográficos, obras publicadas em periódicos, artigos científicos, revistas e teses construídas com intuito de trabalhar a temática deste estudo, promovendo assim um estudo que cumpra com a proposta de identificar elementos que apresentem a identidade feminina dos personagens da obra *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen.

## CAPÍTULO I

No primeiro momento serão realizadas algumas reflexões sobre a mulher na sociedade inglesa do século XIX, destacando elementos relacionados à cultura, sociedade e relação mulher X homem, representadas em narrativas como a obra *Orgulho e Preconceito*, corpus desta pesquisa.

### 1. A MULHER NA SOCIEDADE INGLESA DO SÉCULO XIX

No final do século XVIII e início do século XIX, a mulher ainda era um ser submisso ao homem sendo ele pai, irmão ou marido. Zardini (2013, p.3) destaca que “entre os séculos XVIII e XIX não esperava-se que as moças tivessem qualquer tipo de iniciativa de avançarem seus estudos além dos conhecimentos básicos”, sendo objetivado apenas que as mulheres fossem preparadas para atender as necessidades familiares em ambiente doméstico, tendo a vida social regida por inúmeras regras de conduta, etiqueta e padrão moral, sendo proibido para as moças “conversar com um rapaz nas ruas, praças e parques, sem que houvesse um acompanhante”(ZARDINI, 2013,p.04).

Freire (2011) destaca que durante o século XIX o discurso referente à mulher e sua realidade social, hoje pode ser visto como preconceituoso, isto porque definiam o modelo de comportamento das mulheres com base na cultura patriarcalista, onde o homem era visto como o provedor e a mulher devia obedecê-lo não tendo nenhum tipo de liberdade de expressão e opinião, assim era extremamente proibido “conversar com um rapaz nas ruas, praças e parques, sem que houvesse um acompanhante (FREIRE, 2011, p.8).

Durante o século XIX, a figura feminina predominante era associada à passividade, um ser incapacitado de agir, tendo a necessidade de desenvolver um tipo de mentalidade submissa, sendo colocada em um grau de inferioridade social referente ao homem, por exemplo:

A lei apoiava o direito de primogenitura, apenas se o filho fosse do sexo masculino, caso a família não tivesse varões, a herança seria transmitida ao parente masculino mais próximo, facilitando assim, que todas as propriedades e fontes de renda da família ficassem sempre em nome da mesma, por várias

gerações. Sendo assim, não restavam muitas opções para as moças garantirem um sustento na velhice, a opção era se casar, até mesmo para garantir a sobrevivência básica, já que não lhes era permitido trabalhar. Qualquer tipo de ocupação, até mesmo exercer a função de uma tutora, era considerado algo degradante. (ZARDINI, 2013, p.3).

Durante este período grande parte da história da sociedade, a mulher era vista como destinada para a vida doméstica, isto porque ela era vista como um ser sensível, fraco e emotivo.

De acordo com Rodrigues e Costa (2017), por muito tempo a mulher foi apenas um ser destinado à reprodução, além de cuidadora do lar e submissa ao homem e à sociedade. Durante o século XIX as mulheres eram educadas para se manter dentro de casa, participar de atividades religiosas, seguindo a seguinte ideia “uma mulher já é bastante instruída quando lê corretamente suas orações e sabe escrever a receita da goiabada. Mais do que isto seria um perigo para o lar” (RODRIGUES e COSTA, 2017, p.9).

Rodrigues e Costa (2017, p.17 ) ressaltam que a sociedade muitas vezes não se dá conta de suas relações referente a meninos e meninas, isto porque ela se concebeu centrada no homem, durante o século XIX, com o surgimento do feminismo muitos estudiosos defenderam que a saída da mulher do ambiente doméstico tornaria os laços familiares mais frouxos, deixando a educação dos filhos comprometida, promovendo assim a destruição da família, afirmando que se trabalhassem “fora do lar, as mulheres deixariam de se interessar pelo casamento e pela maternidade”.

Buss (2011) ressalta que durante o século XIX o homem é visto como uma figura pública e social e a mulher uma figura privada e submissa, obedecendo um sistema patriarcal no qual o homem é o detentor do poder cabendo a ele zelar e garantir pelos costumes e pela honra familiar, tendo a mulher apenas como aquela que recebe a ordem, cuida dos filhos e da formação de caráter e educação de seus herdeiros.

Sendo assim, durante grande parte do século XIX a função social da mulher resumia-se em ser “filha, esposa, mãe, educadora, governanta da casa e zeladora dos bons costumes” (BUSS, 2011, p.16), estando ela submissa ao

poder do homem, sua educação colocava como seu principal objetivo de vida, o conseguir um bom casamento, garantindo assim cuidados e estabilidades durante sua velhice, tendo o casamento como uma necessidade na vida da mulher.

Buss (2011, p.22) em sua análise da obra “*Orgulho e Preconceito*” ressalta que a mulher prendada é vista durante o século XVIII, e grande parte do século XIX como: Aquela cuja função.

(...)é coordenar a casa e seus filhos demonstrando os dotes que aprendeu em sua educação. Ao mesmo tempo em reuniões no âmbito público, seu posicionamento irá ser visto como um reflexo da condição do seu marido e da educação de seus filhos, sendo primordial para aumentar o prestígio de sua família.

Na *Obra Orgulho e Preconceito*, Jane Austen ressalta o caráter abusivo e a discriminação sofrida pelas mulheres do século XIX que, de acordo com Freire (2011), sofrem principalmente com problemas referente à lei de herança que impede as mulheres de herdar bens e propriedades da família, ressaltando a presença de dilemas familiares como a falta de opção de ascensão social referente à mulher que, nesta época, somente poderia buscar um bom casamento.

Zardini (2014) ressalta que no início do século XIX, Jane Austen viveu em uma sociedade que tinha como concepção social a ideia de que homens e mulheres têm capacidades diferenciadas, não havendo a possibilidade de igualdade entre os sexos, destacando que neste período as moças tinham como função a submissão tendo a família como:

(...) base de sustentação de todas as moças pertencentes à classe média e à aristocracia daquela época; por isso, era de se esperar que os pais as deixassem certa quantia após sua morte ou que os irmãos ficassem com a responsabilidade de ajudá-las, caso não se casassem. (ZARDINI, 2014, p.3)

Outra característica sobre a mulher e a sociedade do século XIX, destacada por Zardini (2014) são as habilidades desejáveis para as moças serem consideradas prendadas e conseguirem um bom casamento a elas saber conhecimentos referente a línguas, música, pintura, desenho,

bordado e dança, sendo estas consideradas atividades de lazer específicas do público feminino.

As regras eram rígidas sendo levadas à risca pelas moças pois os detalhes custariam a elas a oportunidade de alcançar ou não um bom casamento, Zardini (2013) lembra que até as vestimentas eram analisadas durante a escolha de uma boa esposa pois era importante que a mulher aprendesse a se vestir adequadamente, ressaltando que:

(...) elas tinham que considerar a roupa que vestiam pela manhã, feitas, em geral, de tecidos mais simples e jamais deveriam usar pérolas ou diamantes para não chamar a atenção. À noite, os vestidos eram mais elegantes e feitos com tecidos mais caros, usados principalmente em bailes e jantares. Os acessórios (colares, brincos, lenços, xales, chapéus, turbantes) e penteados também eram importantes e deviam ser usados com moderação (ZARDINI, 2014, p.6).

Em relação ao casamento, é importante destacar que durante o século XIX a mulher após se casar tinha como obrigação de planejar as refeições da casa, cuidar e relacionar-se bem com os empregados, alfabetizar os filhos, cuidar da decoração da casa. Zardini (2014, p.8) lembra que “Sob o ponto de vista financeiro, o casamento era visto como uma tábua de salvação para as mulheres que não possuíam renda familiar e que não queriam viver na pobreza”.

O casamento durante os séculos XVIII e XIX eram realizados mediante acordos entre famílias, no qual este era uma ferramenta de ascensão social para muitas mulheres de origem abastada. Sobre esta situação Zardini (2014, p.9) ressalta a desigualdade vivida pelas mulheres desta época, pois:

Era possível para um rapaz de origem nobre se casar com a filha de um comerciante, se este possuísse uma grande fortuna e a reputação da moça fosse inquestionável. Por outro lado, se uma moça de origem nobre se interessasse por um rapaz de origem humilde, nada poderia ser feito, pois todo o dinheiro proveniente de antigas gerações poderia ficar nas mãos de comerciantes e o nome da família (nobre) se perderia.

A mulher do início século XIX vivia uma situação muito delicada porque as leis davam direito de propriedade e controle financeiro apenas e exclusivamente ao homem, sendo a vontade da mulher ignorada a todo

momento. Isto acontecia porque as leis favoreciam aos homens, por exemplo, “se uma mulher trabalhasse após o casamento, todos os seus rendimentos pertenciam ao marido, e se desejassem o divórcio, não lhes era permitido” (ZARBINI, 2014, p.9).

Nesta época, as leis de divórcio eram muito rígidas, dando ao homem o direito de divórcio se a mulher o traísse e também ela perderia o direito a guarda dos filhos e era proibida de manter qualquer contato com eles, sendo que a mulher divorciada era excluída da sociedade pois esta situação era vista como imprópria e inaceitável.

Diante desta realidade, Jane Austen retrata quase que fielmente, por meio de suas tramas e personagens, as angústias e os dramas vividos por diferentes tipos de mulheres na sociedade feudal da época, empregando em sua narrativa elementos que tornam sua história um retrato da sociedade patriarcal do início do século XIX.

## CAPITULO II

Nesta parte da análise será destacada algumas características referente a biografia da escritora Jane Austen e também elementos relacionados a representação da mulher como personagem de suas obras literárias, buscando de forma objetiva retratar a importância de suas obras para a literatura mundial.

### 2. BIOGRAFIA E OBRA DE JANE AUSTEN

Jane Austen, uma escritora inglesa que viveu em uma sociedade patriarcal no final do século XVIII e início do século XIX, produzindo obras de grande sucesso como *Razão e Sensibilidade* (1811) e *Orgulho e Preconceito* (objeto de nosso estudo) em 1813.

De acordo com Freire (2011), Jane Austen é considerada uma das mais representativas escritora e romancista da literatura inglesa, seus romances retratam entre outras temáticas a importância do casamento para a vida da mulher inglesa da época, sendo que Austen retrata de forma fiel elementos da vida real das famílias de sua época.

Torrão (2017) destaca que aos 19 anos Austen foi presenteada pelo seu pai com uma secretária em mogno, um símbolo do apoio paterno às tendências literárias que desde jovem Jane demonstrava. Filha de George Austen e Cassandra Leigh, de acordo com Torrão (2017) por meio da leitura a família promovia inúmeros momentos de discussão de ideia e encenação de pequenas peças, influenciando assim seu modo de ver e expressar a vida social ao qual fazia parte.

Ainda com base nas ideias expressas por Torrão (2017), as obras de Jane são crônicas sociais da época, estando suas tramas centradas na vida do cidadão comum. Jane Austen escreveu seis romances, sendo conhecida como uma autora que se inspirava na própria vida para escrever. Oliveira (2011) destaca que ela é considerada uma das mais famosas escritoras inglesas, nascida em 16 de dezembro de 1775, na Inglaterra,

recebeu uma educação formal em um convento, iniciando cedo sua carreira como escritora, a partir dos seus oito anos de idade.

De acordo com Oliveira (2011) foi na adolescência que Austen escreveu seu primeiro livro *Lady Susan*. Em seus Romances percebe-se a preocupação da autora em retratar a mulher em sua busca pelo melhor casamento, isto ocorre na obra *Emma* (1815), *Mansfield Park* (1814) , *Abadia de Northanger* (1818), *Razão e Sensibilidade* (1811) e *Orgulho e Preconceito* (1813), “romances nos quais buscava retratar a sociedade da época e a busca pelo melhor casamento, como única forma de ascender socialmente” (OLIVEIRA, 2011, p.8).

Sobre a vida amorosa de Jane Austen, Torrão (2017, p.02) destaca que:

Sabe-se, no entanto, que foi durante o período de Bath que Jane recebeu a sua única proposta de casamento. O pretendente chamava-se Harris Bigg-Wither, um conhecido de sempre que tinha ainda a grande vantagem de garantir uma situação econômica estável a Jane e, por consequência, à irmã e à mãe. Com isso em vista, a autora aceitou o pedido, mas no dia seguinte arrependeu-se e voltou com a palavra atrás, uma vez que não gostava realmente dele. Anos mais tarde, quando uma sobrinha lhe escreve a pedir conselho, Jane dir-lhe-á taxativamente: se não existe amor, não cases.

Muitos autores acreditam que a proximidade de suas narrativas com vivências e experiências da autora dão a sua obra uma característica autobiográfica, mas suas obras eram repletas de características retiradas do cotidiano e experiências ao que Austen observava principalmente em se tratando de elementos envolvendo a vida de casado, pois de acordo com Oliveira(2011, p.9) a autora e escritora nunca chegou a se casar, mesmo depois de aceitar um pedido de casamento, sendo assim “seu poder de observação do cotidiano lhe rendeu material suficiente para dar vida aos personagens de suas obras”.

Esta característica biográfica está presente na obra *Orgulho e Preconceito* visível em ideias expressas por meio da personagem Elizabeth Bennet, que por vezes recusa-se a casar-se por conveniência, como no trecho em que ela recusa-se a casar-se com Sr. Collins afirmando que não poderia fazê-lo feliz e muito menos encontraria a felicidade ao seu lado, recusando

viver uma vida matrimonial ao lado de um homem que não apenas lhe oferecesse segurança financeira, diferentemente das mulheres de sua época, mas sim alguém que lhe fizesse mais feliz.

Muitos estudiosos de Jane Austen acreditam que ela morreu solteira devido a sua forma de pensar; e ao seu amor pela escrita pois de acordo com Zardini (2014, p.10) “ a própria escritora vivenciou o fato de não ter se casado, sabendo o que a esperava no futuro, já que não herdaria posses do pai”. De acordo com estudiosos de sua biografia Jane, após a morte de seu pai, “até a publicação dos livros *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814) dependia inteiramente da mesada dos irmãos (TORRÃO, 2017, p.03).

Em 18 julho de 1817, aos 41 anos, por causa de uma doença, Addison ou linfoma de Hodgkin, que já vinha provocando o declínio da saúde da escritora, Jane vem a óbito, tendo tempo apenas para concluir suas últimas grandes obras *Persuasão e The Brothers*.

Em suas obras a autora apresenta uma idealização do casamento, que de acordo com Zardini (2014, p.8) todas as suas heroínas e protagonistas terminavam tendo um final feliz, pois não casavam-se apenas por “ causa da renda do marido, mas por estarem apaixonadas” , situação incomum na sociedade do século XIX.

Outro fator importante muito presente nas obras de Jane Austen é que suas personagens representam pessoas comuns, por meio do uso de uma linguagem irônica ela promove um enredo que contesta a estrutura social vigente, retratando em suas obras o dia a dia da vida feminina. Buss (2011 ,p.19) destaca que “além de fazer uma descrição da sociedade, ela faz críticas aos costumes da época, dos exageros e da situação feminina”.

Buss (2011) ainda afirma que a autora Jane Austen, em suas obras, representa por meio de seus personagens o dia a dia não de mulheres da nobreza e sim das pertencentes a baixa nobreza e os proprietários rurais. Para Zardini (2014) destaca que Jane Austen usava de suas obras e personagens para representar a sociedade inglesa da época em todos os seus livros usando

por exemplo personagens esnobes e que ostentam as suas riquezas para fazer uma crítica metaforizada a burguesia da época.

Outro fato destacado por Zardini (2014) é que Jane Austen escrevia suas obras retratando as diferentes relações humanas existentes na sociedade da época, chamando a atenção de seus leitores para os problemas enfrentados pelas mulheres, fazendo de forma implícita uma crítica a sociedade inglesa do início do século XIX.

Pacheco e Souza (2011) afirmam que por meio de suas obras Jane Austen faz surgir a “voz feminina”, busca por meio de seus romances expressar um julgamento crítico questionando alguns conceitos e condições sociais ao qual as mulheres eram expostas, representando a imagem de mulheres que por momentos contrapunha o ideal patriarcal vivenciado na época, de acordo com os autores:

(...)a voz feminina é estabelecida ao construir seu papel de consciência própria contra o sistema patriarcal. A voz feminina; a identidade feminina não é tão aparente no texto, mas os leitores frequentemente descobrem a voz feminina obscurecida. Ou seja, eles tendem a considerar a voz feminina profunda como algo mais significativo do que o que é visto na superfície do texto. Assim, Austen atinge um nível de conceitualização de heroína em diferentes perspectivas morais dentro do quadro das relações sociais (PACHECO e SOUZA, 2011, p.2).

Com suas obras, Austen demonstra sua opinião idealizada sobre a posição social da mulher na sociedade inglesa do século XIX, isto acontece quando a escritora questiona por vezes o lugar do homem e mulher na sociedade, colocando por exemplo, a busca por um casamento que envolvesse não apenas questões financeiras, mas também questões emocionais, situação não corriqueira durante o período social destacado.

Austen, portanto, usa de suas obras para apresentar a ideia de que as mulheres do século XIX são economicamente dependentes dos homens, e por isso elas precisam casar-se para garantir seu futuro, mas defende também a possibilidade de buscar um casamento romântico, e não apenas financeiro.

Pacheco e Souza (2011) apontam que o casamento é o tema mais trabalhado nas obras de Jane Austen, apresentando em seus enredos um

questionamento referente ao casamento por conveniência, deixando claro sua aversão a ideia social vigente na época, ao qual prevalecia uma desvalorização da identidade feminina, apresentando personagens que objetivam casar-se não apenas por segurança financeira mas por amor, como Elizabeth em *Orgulho e Preconceito*, isto porque ao recusar-se casar com Sr. Collins Elizabeth apresenta a ideia de humilhação e repúdio ao casamento motivado apenas por razões financeiras.

Diante desta ideia inicia-se a análise da obra *Orgulho e Preconceito* destacando de forma objetiva elementos característicos da escrita crítica realizada pela autora, demonstrando por meio de teoria e estudos teóricos os elementos essenciais da narrativa austeniana.

### CAPITULO III

Neste capítulo encontra-se o resumo do livro em Análise e os estudos referente à identificação dos objetivos apresentados por esta pesquisa, apontando elementos característicos referentes a produção narrativa do romance *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen.

#### 3.OBRA ORGULHO E PRECONCEITO

Neste Livro a autora conta a vida de cinco irmãs Elizabeth, Jane, Lydia, Mary e Kitty criadas pela Sra Bennet que tinha fixação em lhes garantir um bom casamento, preocupada em garantir-lhes um bom casamento e um futuro para suas filhas, já que por não ter tido um filho varão assim que seu marido falecesse ela perderia toda a herança para um parente, homem, mais próximo.

A narrativa *Orgulho e Preconceito* retrata, quase que com fidelidade, a busca das mulheres pelo casamento perfeito, isto porque a maioria das personagens mulheres da obra transfiguram-se como preocupadas em casar-se ou em arranjar um bom casamento para suas filhas.

Uma das críticas expressas na obra cria-se em torno da revolta da Sra. Bennet no que trata-se da lei que gera um conflito na obra, pois a matriarca não aceita a possibilidade de perder toda sua herança para um parente varão mais próximo de seu marido, figurado nesta obra pelo personagem Sr. Collins.

A obra decorre momentos nos quais a Sra. Bennet freneticamente busca encontrar um bom casamento para as filhas, às vezes tomando atitudes inapropriadas em diferentes situações. Elizabeth em diversos momentos na obra apresenta-se contrariada com situações vergonhosas provocadas por sua mãe, isto porque ela via a atitude de sua mãe como inapropriada, de acordo com Buss (2011,p.21) a personagem via o comportamento da Sra. Bennet como “improprio no âmbito público pode prejudicar suas filhas as na busca por um bom casamento, pois a atitude da mãe em um ambiente público é a representação da educação de suas filhas”.

A narrativa se desenrola quando uma de suas filhas, Elizabeth Bennet é apresentada para o Sr. Darcy, Elizabeth Bennet cria uma aversão que torna-se mútua por causa de suas ideias e temperamentos serem opostos criando uma relação de orgulho e preconceito.

Elizabeth no decorrer da obra apresenta aversão à ideia defendida por Sr. Darcy. Para ela a ideia de que a mulher é apenas um objeto de ostentação masculina, mas diante da situação social vivida por ela apresenta momento de reflexão que destacam que a mulher depende do homem para manter-se principalmente financeiramente, já que em sua época não era permitido que a mulher trabalhasse fora de sua casa, e muito menos tivesse um emprego que a mantivesse financeiramente, tendo apenas como opção aceitar um bom casamento.

Esta dependência financeira era determinada por lei, Zardini(2013) explica que no período que inicia o século XIX, a lei apoiava um direito conhecido como primogenitura, que dava ao filho varão o direito de herança e controle financeiro, ou seja, para as mulheres apenas seguiam-se duas opções de manutenção financeira o casamento ou a bondade de irmão ou parentes homens, que por meio de pensão garantiam-lhes a sobrevivência básica, não sendo em momento algum permitido que a mulher tivesse nenhum tipo de trabalho ou ocupação que não fosse os cuidados domésticos com a casa, filhos e marido.

Elizabeth representa uma jovem que possui pensamentos e ideias além de seu tempo, mas que ainda procura compreender o casamento como uma forma de instabilidade financeira que serve como ferramenta social para garantir segurança financeira, satisfação e felicidade.

De acordo com Freire (2011) ao criar a personagem Elizabeth, Jane Austen atribui a ela uma personalidade forte que a diferencia das moças e das concepções sociais fortemente defendida na época pois ela apresentava os comportamentos e pensamentos das famílias e mulheres do século XIX. Um trecho da obra *Orgulho e Preconceito* que exemplifica esta tese é a parte em

que Elizabeth recusa-se a dançar com Sr. Darcy, ato este considerado único na sociedade patriarcal do século XIX:

Meu senhor, realmente não tenho a menor intenção de dançar. Rogo-lhe que não pense que passei por estes lados em busca de um par. Com grave elegância, o sr. Darcy pediu que lhe fosse dada a honra de sua mão, mas em vão. Elizabeth estava decidida; nem sir William a abalou em seu propósito com suas tentativas de convence-la. (Austen, 2012, p.27)

Percebe-se a personalidade forte da personagem que se sente ofendida ao ouvir as desfeitas feitas pelo cavalheiro antes do mesmo ser provocado a convidá-la para dançar. De acordo com Freire (2011) a obra *Orgulho e Preconceito* destaca a trajetória de uma jovem de 20 anos, Elizabeth na sociedade Inglesa do século XIX, representando uma mulher inteligente que se contrapõe ao caráter e ideias de seu mais novo pretendente Sr. Darcy.

É importante ressaltar que Freire (2011, p.15) lembra que Elizabeth é retratada como “uma jovem de classe média com forte personalidade, à frente de seu tempo, que acredita no amor e se recusa a viver ou a casar-se por conveniência”, defendendo em sua narrativa a importância da mulher poder escolher e casar-se por amor e não por conveniência.

Cardozo(2007) destaca que o romance “*Orgulho e Preconceito*” é uma narrativa que se desenrola no tempo de aproximadamente um ano, sendo um romance que apresenta diferentes percepções sobre as mulheres do século XIX, ele em sua narrativa não apenas retrata a mulher propriedade do homem, mas também apresenta um enredo que trabalha a percepção feminina apresentando de forma subjetiva questionamentos referente a posição do sexo na sociedade da Inglaterra Regencial, de acordo com Cardozo(2007, p.74) “Seus ataques ao sistema vigente são feitos por meio de sofisticada ironia, ainda que sejam temas constantes o amor, o casamento e finais felizes”.

Nesta obra percebe-se a representação de uma mulher que erra e aprende com seus erros, tornando-se mais forte e mais sábia, preparando-se para a vida como esposa, mulher feliz pois apresenta-se diante de um amor correspondido onde figura-se um processo de igualdade no amor. Cardozo

(2017, p.76) destaca que o enredo de “*Orgulho e Preconceito*” apresenta uma igualdade no amor de Elizabeth e Darcy isto porque:

Elizabeth não é a única a aprender que seu julgamento nem sempre é válido. Darcy também precisa modificar seu comportamento para merecer a pretendente que escolheu. Ele paga pelos erros que cometeu ao insultar a família de Elizabeth e ao separar Jane e Bingley. Embora a jornada dele não seja o foco do texto, Austen garante que Mr. Darcy também amadureça para ter seu final feliz. A autora não acredita em amor à primeira vista.

Percebe-se que nesta obra de Austen a autora transmite a ideia de que o amor como a vida é um processo no qual precisamos conhecer as pessoas para sim julgar suas qualidades e defeitos, e que não devemos julgar pelas aparências, ou pela primeira impressão, defendendo a ideia de que “O amor verdadeiro passa por dificuldades, mas resiste a elas e, por isso, também renasce para que possa ser concretizado” (CARDOZO, 2017, p.77).

Outro tema trabalhado durante o enredo da obra *Orgulho e Preconceito* a possibilidade de transformação humana, de acordo com Cardozo (2017, p.77):

(...)a mudança e a transformação fazem parte do humano. Nem sempre é possível evitar as “primeiras impressões”, o julgamento pelas aparências, ou sentir orgulho; não se decide nascer rico ou pobre, mas a disposição à transição e a busca por entender a si mesmo e ao outro, ao diferente, permite que a humanidade se manifeste nas personagens, repercutindo no leitor.

Percebe-se que neste romance Elizabeth passa por um processo de aprendizagem, simbolizando assim a construção de conhecimentos que a mulher precisa ter em referência ao marido no intuito que ela possa se casar e alcançar a felicidade, defendendo a ideia de que é necessário que o casal se conheça melhor para que possam juntos construir uma base sólida que garanta que os dois enfrentem as dificuldades juntos em prol da felicidade, como percebe-se no enredo desta obra, Elizabeth e Darcy, aprendem com durante o tempo que se conhecem a superar o orgulho e o preconceito para que possam então se casar, de acordo com Cardozo(2017,p.74):

Elizabeth não percebe os sentimentos de Darcy por ela, por pensar que ele é uma espécie de monstro de arrogância. O

rapaz, por sua vez, deve superar as primeiras impressões sobre a família Bennet, as expectativas da sociedade da qual faz parte e provar sua afeição pela moça. Elizabeth vê o que deseja ver em Darcy e aceita, sem contestar, que ele seja o vilão das desventuras de Wickham. No que diz respeito às aparências e às primeiras impressões, para Elizabeth, Wickham aparenta franqueza e bondade, quando, na verdade, Darcy é quem, ao final, se mostra realmente justo e bom.

Apresentando ao leitor a mensagem referente à necessidade de não apenas julgarmos a pessoa por sua aparência, e sim que precisamos conhecê-la apresentando a mensagem de que mesmo que Darcy, em um primeiro momento se apresente como um homem que não possua o comportamento esperado por Elizabeth, sendo visto como um monstro moral, ao conhecê-lo melhor identifica nele um bom pretendente para o casamento.

### **3.2 Mulher na Inglaterra do século XIX**

Na obra *Orgulho e Preconceito* temos a representação de dois tipos de mulheres a retratada por Jane Austen como a desejada pela sociedade da época e a mulher que apresenta suas concepções e ideias mesclando ficção e realidade. Percebemos em alguns trechos da obra que destacam características importantes a serem desenvolvidas na educação da mulher no início do século XIV como no trecho a seguir:

(...) ninguém pode realmente ser considerada como prendada se não ultrapassa em muito o que é geralmente tido como prendada. Uma mulher deve ter um vasto conhecimento de música, canto, desenho, dança e dos idiomas modernos para merecer a palavra; e, além de tudo isso, ela deve possuir um certo quê em seu semblante e modo de caminhar, o tom de sua voz, sua maneira de falar e a maneira de exprimir-se (...) (AUSTEN, 1998, p. 43)

Em diferentes partes da obra encontramos a definição de mulher prendada, ou seja, aquela vista na época como sendo a mulher ideal para cuidar da casa, dos filhos e apresentar a sociedade como esposa e companheira, sendo que para a mulher o casamento era uma forma de ascensão social e segurança financeira, isto porque como vemos na obra de Jane Austen (1998, p.32) de acordo com as leis da época as mulheres nada herdavam de seus pais:

A fortuna do senhor Bennet consistia quase exclusivamente numa propriedade que lhe rendia duas mil libras por ano. Infelizmente para suas filhas, essa propriedade estava legada a um parente distante, pois não havia herdeiros masculinos diretos; e a fortuna da mãe embora suficiente para a sua vida, mal bastava para suprir as deficiências da fortuna do pai.

Diante desta realidade percebe-se a importância que tinha para a sociedade, do início do século XIX, o encontrar um bom marido para suas filhas, sendo para as mulheres um objetivo de vida, tendo o homem como detentor de fatores que lhe garantam uma vida confortável, a escritora Jane Austen usa das irmãs Bennet para apresentar uma contraposição dos ideais da época.

Jane e Elizabeth são mulheres que apresentam características diferentes, Jane a irmã que segue as regras, normas e convenções da época objetivando casar-se e atender a expectativa de sua família. Já Elizabeth é representada como uma mulher opiniosa que não preocupa-se em seguir as regras sociais vigentes, busca um casamento que não apenas ofereça-lhe segurança mas também que seja construído com amor.

De acordo com Costa(2015) Austen ao usar da personagem Elizabeth Bennet ela apresenta diálogos que representam a sociedade da época e as ideias contraditórias expressas por sua personagem, como por exemplo ao narrar o momento em que Elizabeth recusa-se casar com Sr.Collins apenas por interesse, destacando a seguinte justificativa a sua negativa:

Agradeço mil vezes pela honra que fez com a sua proposta, mas para mim é absolutamente impossível aceitá-la. Meus sentimentos me impedem de fazer isso. Posso falar fracamente? Não pense que sou uma mulher elegante com intenções de atirá-lo, mas uma criatura racional que fala do fundo do meu coração. (Austen, 1998, p.91)

Buss(2010) ressalta que a mulher do século XVIII e início do século XIX estava submissa a ideia de casamento, maternidade e tornar-se uma boa esposa, buscando sempre encontrar um bom marido, garantir um bom casamento, podendo então garantir um bom futuro a ela, garantindo assim cuidados e estabilidade social e financeira, por isso Austen(2012) representa

em um trecho da obra analisada esta verdade universal que transmitia a ideia de que:

(...) um homem solteiro e muito rico precisa de esposa. Por pouco que sejam os sentimentos ou as ideias de tal homem ao entrar pela primeira vez em certo lugarejo, tal verdade está tão bem arraigada na mente das famílias que rodeiam, que ele vem a ser considerado propriedade legítima de uma das suas filhas. (Austen, 1998, p.9)

Para Zardini (2013) a obra, *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen é uma ferramenta ao qual a autora expressa um tipo de crítica implícita a sociedade patriarcal da época aos costumes e a cultura do casamento, pois Jane acreditava que para se encontrar a felicidade não podia-se apenas almejar a segurança financeira, para a personagem (autora) para que o casamento fosse duradouro e feliz era preciso existir amor.

Contradizendo as crenças da época, como pode-se identificar no trecho referente as lamurias da Sra. Bennet ao saber que sua filha Elizabeth havia recusado à um pedido de casamento:

(...) se você puser na cabeça isso de recusar assim toda a proposta de casamento, nunca vai conseguir arrumar marido; e não sei quem vai sustentar você quando seu pai morrer. Eu não vou poder continuar com você... e então já vou avisando. A partir de hoje, você não existe mais para mim. (Austen, 1998, p. 94)

Jane com suas personagens mulheres na obra em análise retrata as concepções culturais do século XIX referente a mulher ideal e mulher fora dos padrões culturais, por exemplo, ao criar Sr. Bennet ela apresenta ao leitor a figuração da mulher mãe de cinco filhas e que tem por missão de vida casa-las e garantir-lhes um futuro seguro e uma boa posição social.

Percebe-se em um trecho da fala de Sra. Bennet uma referência a posição social da mulher do século XIX ao qual dependia de ser apresentada a um homem por intermédio de outro, sendo proibido que a mesma se aproximasse ou falasse com um estranho sem que houvesse sido devidamente apresentada. Em uma conversa do casal Bennet percebe-se tal fato:

Deve ir, pois a nós, mulheres, será impossível fazê-lo, se antes você não o fizer.

- Creio que isto é excesso de escrúpulos da sua parte. Tenho certeza de que Mr. Bingley terá muito prazer em vê-la. Além disso eu lhe enviarei algumas linhas por seu intermédio, assegurando-lhe que darei o meu consentimento para que ele se case com qualquer das meninas que escolher(...) (Austen, 1998, p.6).

Austen retrata esta personagem como uma mãe de família que tinha como uma de suas únicas preocupações casar suas filhas para que assim garantisse a elas um futuro seguro e uma família, ressaltando que com a chegada de um “Um rapaz solteiro de muitas posses; quatro ou cinco mil libras por ano. Que maravilha para nossas meninas!” (Austen, 2012, p.9), buscando atender a uma necessidade da vida social da época, ou seja, garantir um bom casamento a suas filhas.

Mas, por vezes, sua preocupação descontrolada não era bem vista pelas damas da sociedade devido a suas atitudes e seu desejo enlouquecido por casar suas filhas, em parte da obra identifica-se trechos aos quais a autora por meio de seus personagens transpassa a ideia de que a Sr. Bennet por vezes é vista como mulher inadequada, devido a sua postura diante da sociedade, vejamos:

Eu gosto imensamente de Jane Bennet, ela é realmente uma ótima menina. Desejaria de todo coração que ela se casasse. Mas, com um pai daqueles, com uma mãe daquelas e com relações tão baixas, creio que não rem nenhuma probabilidade de se casar. (Austen, 1998, p.41)

Sobre a educação da mulher no período final do século XVIII e início do século XIX, Ribeiro (2002) afirma que neste período a mulher que fugisse aos padrões estabelecidos encontrava muita dificuldade de manter sua individualidade, como percebe-se no trecho a seguir retirado da obra *Orgulho e Preconceito*:

Terminado o jantar, Elizabeth logo voltou para junto de Jane, e a sra. Bingley começou a falar mal dela assim que ela deixou a sala. Suas maneiras foram consideradas péssimas, um misto de orgulho e impertinência; não sabia conversar, não tinha em estilo, nem beleza. Tal era também o parecer da sra. Hurst, que acrescentou: — Ela tem a que recomende, salvo o fato de ser uma excelente andarilha. Nunca me esquecerei de quando ela aparece, hoje de manhã. Parecia uma selvagem. (Austen, 1998, p.33)

Austen por meio de suas personagens critica a mulher almejada pela sociedade da época e com a personagem Elizabeth ela apresentava como seria a mulher que fugia aos padrões estabelecidos, como percebemos no trecho destacado anteriormente ao qual as mulheres comentam a chegada de Elizabeth a casa do Sr. Bingley, estando também ressaltado no trecho a seguir:

(...). Não achava boas as suas maneiras. Revelavam, a seu ver, um misto de orgulho e impertinência. Não sabia conversar, não tinha estilo, gosto e nem beleza.

(...). Andar três ou quatro milhas, ou cinco milhas, ou seja, lá o que for, com os tornozelos metidos na lama, e sozinha, inteiramente sozinha! Que significa isso? Parece-me revelar um conceito abominável de independência, uma indiferença campestre da mais elementar decência. (Austen, 1998, p.40)

Como destacado por Zardini(2013) cada detalhe do comportamento, roupas e conhecimentos era base de análise para a exclusão de um interesse matrimonial, diante desta afirmação percebe-se que as moças eram constantemente avaliadas no intuito de identificar nelas traços que as qualificariam ou não como boas esposas, mães e governantas do lar, sendo importante que elas dominassem conhecimentos referente a música, desenho, pintura, bordado, dança e leitura.

Sobre a educação da mulher, Ribeiro (2002, p.55) ressalta que a para a mulher durante este período a sociedade acreditava fazer-se necessários “algumas habilidades e conhecimentos, pois, além de companheira do homem a quem deveria facilitar e tornar agradável a vida, deveria também educar o gênero masculino”, sendo assim era necessário que a mulher buscasse conhecimentos com focos em atender os filhos e marido.

Também é válido ressaltar que ao retratar o casamento por amor das irmãs Bennet(Elizabeth e Jane), Austen dá as suas leitoras a ideia de que o casamento pode acontecer não apenas por questões financeiras:

Darcy e Elizabeth realmente os amavam; e ambos nutriam a mais sentida gratidão pelas pessoas que, ao trazerem-na a Derbyshire, foram os intermediários da união entre eles. (Austen, 1998, p.298)

Este relacionamento exemplificaria a importância das mulheres, de acordo com Austen, buscar um matrimônio que seja correlacionado a valores

sentimentais, pois ambas as personagens alcançam o matrimônio não apenas buscando apoio financeiro, mas sim demonstram um amor correspondido entre os dois casais centrais da trama, contradizendo assim as crenças sociais da época em questão.

Percebe-se também na obra analisada a representação da burguesia da época com pessoas esnobes que ostentam suas riquezas como por exemplo a Lady Catherine de Bourgh e as irmãs Bingley. Identifica-se nestes dois exemplos a presença da crítica metaforizada citada por Zardini(2014) fazendo assim uma representação da burguesia inglesa da época de forma crítica e satirizada.

Com a obra *Orgulho e Preconceito* percebe-se também a representação da diversidade cultural, ética e social vivenciada pelas mulheres da época. Outro fator destacado na narrativa é relacionado a elementos como a busca da mulher ideal, de acordo com o decorrer da narração percebe-se que os casais questionam-se constantemente sobre os fatores éticos e comportamentais que trazem por base dos preceitos sociais ao qual foram criados, mas que devido a possibilidade da felicidade transpõe preconceitos e superam orgulhos na busca por corrigir seus erros e alcançar sucesso na sua escolha referente ao casamento.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que no decorrer da obra a representação feminina é feita pela autora levando em consideração conceitos da mulher, a cultura e os conceitos morais da época, apresentando o conservadorismo como foco das críticas expressas pela personagem Elizabeth, esta personagem é vista como uma forma de Austen representar de forma secundária sua objeção a costumes e tradições patriarcalista usando de Lizzy e sua família para representar a existência de uma família fora do padrão ético exigido pela sociedade do início do século XIX.

Portanto percebe-se que Jane Austen na obra analisada apresenta personagens femininas intensas, sendo Elizabeth uma das mais opiniosas das irmãs buscando como objetivo de vida um casamento construído em cima do amor contradizendo os ideais da época pois não acreditava que um casamento arranjado pudesse lhe ofertar felicidade.

Outro exemplo é a Sra Bennet que é representada como uma mulher determinada que é mal vista na sociedade devido a sua busca insana por arranjar um bom casamento para todas as suas filhas, evitando que elas se vissem desamparadas caso seu pai viesse a morrer.

As demais personagens femininas da obra, Jane Bennet, Caroline Bingley, Charlotte Lucas e Lady Catherine são representação da ética, cultura e ideais da época por meio destas personagens a escritora consegue promover um paralelo entre o ideal de mulher para os homens do século XIX e mulheres inaptas para o casamento como Elizabeth, Lydia e Mary Bennet que carregavam consigo insígnias que a sociedade da época lhes ditava devido a seu comportamento incomum e improprio.

Por meio de Lizzy, Jane Austen conseguiu transmitir ao seu leitor algumas convicções e pensamentos considerados impróprios a mulheres durante o século XIX, como por exemplo, andar sozinha e apresentar-se inadequadamente vestida em público, como Lizzy faz ao ir ao encontro de sua irmã doente.

Esta obra diferencia-se dos demais escrito em sua época, pois, Jane Austen transmite em seu enredo a percepção da mulher como ser racional, trata de sentimentos femininos, de problemas sociais e éticos enfrentados no dia a dia da mulher; além da preocupação com o casamento a mulher é vista como um ser repleto de virtudes a serem valorizadas.

Percebe-se, transfigurado nas características de suas personagens, elementos reais havendo uma representação de pessoas reais colhidas do cotidiano vivido por Jane Austen, acredita-se veementemente que a autora baseia-se em pessoas reais da sociedade inglesa, atrevendo-se a apontar a possibilidade de Lizzy ser uma transfiguração da mulher Jane Austen, e dos desejos matrimoniais carregados pela escritora, que de acordo com a sua biografia, morre solteira.

## BIBLIOGRAFIAS

AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BUSS, Ariana. **A Representação da família Inglesa nos séculos XVIII e XIX através dos Romances "Orgulho e Preconceito", "Razão e Sensibilidade" e "Persuasão" de Jane Austen**. Universidade do extremo Sul Catarinense, Unesco, Criciúma, 2011, 32 p.

CARDOZO, Anna Carolyna Ribeiro. **A Iniciação Feminina em Orgulho e Preconceito**. Sibi, UFG, Faculdade de Letras, 2017.

FREIRE, Luana Justino. **Representações Paradoxais do Feminino no Século XIX: Uma Análise Comparativa entre Orgulho e Preconceito, de Jane Austen e Tess, de Thomas Hardy**. Universidade Estadual da Paraíba, Licenciatura Plena em Letras, 2011, p.25.

RODRIGUES, Valeria Leone. COSTA, Flamarion Laba da. **A Importância da Mulher**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/729-4.pdf> . Acesso em 12 de janeiro de 2011.

OLIVEIRA, Maria Amaral. **Orgulho e Preconceito: Um estudo sobre o papel da mulher na sociedade da Inglaterra provinciana do século XVIII**. Publicado em 2015: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6953/2/Marina\\_Amaral\\_Oliveira.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/6953/2/Marina_Amaral_Oliveira.pdf). Acesso em Fevereiro de 2011.

PACHECO, Mara Regina. SOUZA, Fernandes Ferreira. **A Representação da voz feminina nas Personagens Centrais de Austen em Emma e Orgulho e Preconceito**. Revista do Curso de Letras: Ave Palavra, Unimat, Alto Araguaia, 2011, p.22.

RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. **Vestígios da educação feminina no século XVIII em Portugal**. São Paulo, Arte e Ciência, 2002.

TORRÃO, Susana. **Jane Austen: Perspicácia e Talento**. Revista Estante: Apaixonados por Livros, julho, 2017.

ZARDINI, Adriana Sales. **O Universo feminino nas obras de Jane Austen**. Revista Em Tese: A Literatura e o Livro, Belo Horizonte, 2014, p.20.

ZARDINI, Adriana Sales. **A Identidade Feminina na Obra "Orgulho e Preconceito" de Jane Austen**. Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013.